

Conferências

Delfim Santos. Um Inovador e um Precursor no Campo da Educação

Academia das Ciências de Lisboa, Novembro de 2007

ALBANO ESTRELA

Não conheci pessoalmente Delfim Santos, mas sempre estive “ligado” ao seu percurso pessoal e académico e, o que é mais importante, sempre admirei a sua obra no domínio da Educação. “Ligação” indirecta, note-se, decorrente de algum paralelismo entre os nossos percursos. Nascermos ambos no Porto, licenciámo-nos em Ciências Histórico-Filosóficas, prestámos provas na Universidade de Coimbra (ele, o doutoramento, eu, a licenciatura). Fomos ambos professores de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e ministrámos as mesmas cadeiras, embora, claro, em momentos diferentes. E, coisa curiosa, eu fui o primeiro professor catedrático de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (que sucederam às Ciências Pedagógicas) cerca de trinta anos após o seu falecimento. Mas, acima de tudo, ambos sofremos uma forte influência das correntes existencialistas e pautámos muito do nosso pensamento e das nossas intervenções, no campo da Educação, pelos princípios e práticas do Existencialismo. Estas, pois, algumas das razões do escrito que agora se apresenta.

Delfim Santos é uma figura proeminente da cultura portuguesa de meados do século XX. Alguém que exerceu uma forte influência em vários domínios do pensamento e da intervenção cívica e cultural. Pensador original, de um acentuado pendor criativo, a sua obra tem expressão maior no campo da Filosofia.

Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, doutorou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, após alguns anos de permanência em vários países, como a Alemanha, onde exerceu funções de leitor na Universidade de Berlim e onde seguiu vários cursos no domínio da Filosofia e da Pedagogia. Em 1943, ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, como primeiro assistente. Em 1948, é professor extraordinário, para passar a professor catedrático de Ciências Pedagógicas,

em 1950. De entre os cargos e as actividades que exerceu, em concomitância com as suas funções universitárias, serão de destacar a sua eleição como sócio da Academia das Ciências de Lisboa, em 1960, e a sua nomeação como Director do Centro de Estudos de Pedagogia, da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1963, centro criado por sua iniciativa. A morte surpreende-o em 1965, quando ainda não tinha completado 59 anos de idade.

Para além das suas múltiplas intervenções no domínio da Educação (conferências, artigos na imprensa, intervenções em debates), avulta a sua obra *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, publicada em 1946. É uma obra singular no panorama da literatura educacional portuguesa. Singular entre nós e pouco comum na literatura europeia da especialidade. Ao relê-la, não pude deixar de estabelecer um paralelismo com a obra de Bogdan Suchodolski, nomeadamente a sua *A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas — a Pedagogia da Essência e a Pedagogia da Existência*. Note-se que Suchodolski é tido como um dos grandes filósofos da Educação do século XX.

Delfim Santos e Bogdan Suchodolski são sensivelmente da mesma idade, mas não creio que tivessem tido conhecimento das respectivas obras. Pelo menos, nenhum deles cita o outro. O paralelismo que se pode estabelecer entre eles é extremamente curioso, a começar pelas fontes principais do seu pensamento, que se situam na cultura e na filosofia alemã, nomeadamente em Husserl, Heidegger e Jaspers. Também não estarei errado ao afirmar que existe, nos dois autores, um percurso idêntico que, em última instância, poderemos dizer que vai da fenomenologia ao existencialismo. Percurso que os conduz à formulação de uma filosofia humanista, suporte de uma pedagogia do homem para o homem, que preconizam.

Ambos críticos em relação a uma pedagogia essencialista, intemporal e universalista, desligada da vida, dos homens concretos e da sua historicidade, afastam-se, no

entanto, por diferentes concepções do social: Delfim Santos, mantendo-se fiel à pedagogia existencial, procurando o sentido antropológico da educação, não na construção do homem segundo uma essência pré-definida, mas na sua revelação “da vida pela vida”; Suchodolski, criticando os desvios naturalistas da pedagogia existencial e procurando a síntese das pedagogias da essência e da existência dentro de um pensamento de matriz marxista.

Se evocámos Suchodolski, foi apenas para realçar o carácter actual e europeu da obra de Delfim Santos, pois é sobre ela que nos iremos debruçar. Para tal, tomamos como pontos de apoio algumas das suas obras, em que podemos apreender a sua oposição à pedagogia essencialista, às práticas pedagógicas dominantes no seu tempo e a alguma investigação que as suportava. Referimo-nos às obras *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, *A Pedagogia como Ciência Autónoma* e *Da Filosofia*.

Partindo da diferença entre “ser” e “sendo”, desenvolvida na obra *Da Filosofia*, Delfim Santos afirma que (passo a citar) “o sujeito da educação é o ‘homem transiente’, o homem que se busca e se nos mostra no que é ainda inseguro e indefinido, tendendo para um nível de afirmação que se chama personalidade”.

Como Alberto Ferreira nos diz nos “Depoimentos de Homenagem a Delfim Santos” (in *O Tempo e o Modo*), a questão principal para Delfim Santos não é saber “o que é” o homem, mas “quem é” o homem. A primeira interrogação exige uma resposta descritiva e explicativa, a segunda uma resposta compreensiva. Se podemos evocar Dilthey e a distinção que ele faz de uma Psicologia explicativa e de uma Psicologia compreensiva, esta capaz de apreender a totalidade da vida, a afirmação (também destacada por Alberto Ferreira) de que “A enumeração de ‘o que’ constitui o homem reduz os problemas ao nível do conhecimento fragmentário, aniquilante do homem como todo”, o que, sem deixar de acusar a mesma fonte de influência, se reveste, na sua formulação, de uma notória actualidade.

Numa óptica de fundamentação de uma pedagogia humanista, Delfim Santos diz-nos, na sua *Fundamentação*: “A formação da personalidade é um processo dramático que ao pedagogo incumbe orientar, respeitando o ‘carácter’ do educando”. Pedagogia humanista que, para o ser, terá de ser uma pedagogia existencial. E, em abono da sua perspectiva, socorre-se de Sartre, o Sartre de *A Náusea*:

O essencial é a contingência... Nenhum ser necessário pode explicar a existência; a contingência não é um falso aspecto, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade completa.

Mas há um aspecto em que Delfim Santos se distingue de outros filósofos da Educação, nomeadamente de Bogdan Suchodolski. Refiro-me à sua procura constante de instrumentos conceptuais que concretizem, na

prática educativa, as suas perspectivas teóricas. Enquanto homem de acção e intervenção social, Delfim Santos considera que o conhecimento do aluno e do processo de aprendizagem deverão constituir duas preocupações fundamentais. Assim, está atento às novas concepções e investigações que se processam no seu tempo, tanto no domínio da Psicologia, como no da Fisiologia. Rejeitando as explicações mecanicistas e comportamentalistas, Delfim Santos destaca os trabalhos de Binet e a utilização de testes em Educação, defende uma escola onde, na sua expressão, se “aprende a aprender”, valoriza a caracteriologia como meio de conhecimento da criança e do adolescente e está atento à revolução que se começa a operar no campo da Pedagogia, não só devido a novas descobertas, no âmbito da Psicologia, como é o caso do gestaltismo, como também à investigação que ocorre no campo da motivação.

Num outro aspecto, haverá a destacar a sua preocupação em sensibilizar a sociedade, em ordem a uma mudança de atitude em relação à Educação. As dezenas de artigos que publicou na imprensa, as conferências que realizou perante públicos muito diversos, testemunham abundantemente esta sua preocupação de cidadão e homem de cultura. Os temas que aborda cobrem os principais domínios da Educação e revestem-se de uma actualidade que ainda hoje surpreende. Descentralização do ensino, escolaridade obrigatória, orientação profissional e ensino profissional, reformas do ensino, ensino primário, missão da universidade, inadaptação escolar, ambiente educativo, escola montessoriana e educação nova, papel e função dos exames, formação de professores, são alguns dos temas abordados por Delfim Santos, que expressam bem o seu imenso labor.

A formação de professores merece-lhe uma atenção muito especial porque deles depende “uma orgânica escolar inspirada numa pedagogia de intenção formativa ou gerante”, na expressão de M. S. Lourenço (nos “Depoimentos” citados). Gerante porque, para Delfim Santos, “Cultura geral, portanto o exercício do saber geratriz dele próprio e daquele que o vai adquirindo e que servirá de suporte à autêntica cultura de cada um, [e] não a que, passivamente, se recebe, mas a que se vai recriando ao nível da própria formação”.

Cultura geral que implica um professor conhecedor das dimensões pedagógicas e científicas da sua profissão e, simultaneamente, um construtor de conhecimento. Em conferência proferida no Liceu Normal de Pedro Nunes, em 1958, Delfim Santos afirma:

Os nossos professores estão em geral bem preparados e até, às vezes, as exigências preparatórias excedem o que seria necessário; mas não estão formados para bem utilizar essa preparação na acção educativa. Por isso mesmo é um perigo para o ensino o jovem licenciado que, sem preparação pedagógica, entra na classe para ensinar. Nada mais

se pode esperar do que um fracasso. O ambiente da classe terá de ser previamente conhecido pelo estudo individual anterior dos alunos que a constituem e só depois de estabelecido o respectivo sociograma, trabalho preliminar a exigir a cada estagiário, se pode agir em função da polaridade ou bipolaridade que a concretiza.

Em suma, formação pedagógica sustentada por uma boa preparação científica, que não se limite ao domínio do conhecimento, mas assente no processo da sua construção, como explicita no mesmo texto:

À preparação objectiva do professor deve juntar-se, digamos assim, a formação subjectiva. Quer isto dizer que o professor não pode ser apenas possuidor de uma ciência, mas também capaz de recriar essa própria ciência a partir dos seus fundamentos e da sua história. Só se pode ensinar aquilo que nós somos capazes de fazer ou, pelo menos, de bem compreender como os outros o fizeram. Ensinar os últimos resultados, o último nível do progresso em determinado saber, é abusar do argumento da autoridade. E, autoridade, no ensino só se deve admitir a do autor, a daquele que é capaz de se autorizar com o conhecimento genético do que ensina.

Poderíamos interpretar estas afirmações como a projecção do professor universitário, vocacionado para ligar ensino e investigação ou, até, como uma crítica implícita ao ensino universitário vigente na época, puramente transmissivo, sem fazer participar os alunos no processo de construção do conhecimento. E, porque não, evocar influências da sua formação inicial na extinta Faculdade de Letras do Porto, a que sempre foi fiel? Mas talvez seja mais do que isso, pois poderemos interpretar essas afirmações como a manifestação de uma posição construtivista, consonante com a pedagogia existencial. Também aqui Delfim Santos se mostra actual ao aliar didacticamente o ensino das disciplinas às metodologias da sua construção, corrente preponderante nas metodologias de ensino, a partir dos anos sessenta.

Centremo-nos na questão essencial: o que é a Pedagogia para Delfim Santos? Consideramos que é principalmente por oposição a uma pedagogia atomista e tecnicista (ou, como é corrente dizer-se hoje, por uma crítica à racionalidade técnica em Pedagogia) e pela influência do globalismo e de uma Pedagogia da situação com base em Dilthey, que poderemos inferir as concepções de Pedagogia em Delfim Santos. De acordo com o que se verificava a partir de finais do século XIX, a Pedagogia é um termo polissémico que pode significar a prática pedagógica (isto é, a prática de um professor, uma boa prática, a reflexão e a teorização sobre ela), mas ainda a arte da educação, a ciência e a arte da educação, a ciência da Educação. Nas obras de Delfim Santos, deparam-se-nos essencialmente dois conceitos.

O primeiro, o de pedagogia enquanto reflexão e racionalização da prática educativa, ancoradas na sua concepção antropológica do homem como “ser transiente”. Mas também assente na descoberta de valores, na anterioridade da Pedagogia em relação à Moral e na Pedagogia da autenticidade. Dotado de um profundo “esprit de finesse”, o seu pensamento pedagógico é pródigo em intuições, que Delfim Santos, muitas vezes, aponta sem desenvolver. Exemplo especialmente interessante é a afirmação do “eros” da Pedagogia, que hoje assume acentuada relevância em correntes de influências várias, que põem em evidência o lado emocional do ensino. Na segunda aceção, embora em articulação com a anterior, existe a concepção de uma pedagogia como ciência autónoma, embora recorrendo aos contributos de outras disciplinas do homem, necessários ao conhecimento do aluno.

Ao estabelecer a distinção entre exactidão e rigor em ciência, Delfim Santos assume uma posição que não é comum no seu tempo e define uma problemática que vai ter grandes repercussões nas décadas seguintes. Passo a citar o que ele escreve em 1949, na *Pedagogia como Ciência Autónoma*:

Pedagogia não é uma ciência exacta, mas, como qualquer outra referente ao homem, pode ser uma ciência rigorosa e sê-lo-á quando não pretender atingir verdades gerais, mas, pelo contrário, verdades humanas.

Verdades humanas que, para ele, não podem ser atingidas pelos critérios tradicionais de cientificidade, como nos adverte no texto que estou a citar:

(...) o critério que apenas considerava digno de ser chamado científico o que pudesse ser formulariamente traduzido em relações quantitativas é uma enormidade e uma violência.

São os exageros quantitativistas da investigação psico-pedagógica que lhe merecem uma crítica especialmente acutilante, como quando se refere à deturpação dos trabalhos de Binet pelos “zootécnicos e veterinários armados em pedagogos”.

E, deste modo, abre uma reflexão que aponta para uma discussão de grandes repercussões nas décadas seguintes, que ficou conhecida pela querela epistemológica dos métodos — métodos quantitativos *versus* métodos qualitativos —, tanto em ciências humanas, em geral, como em Ciências da Educação, em particular. polémica a perder sentido nos dias de hoje, nomeadamente pela assumpção crescente da análise fenomenológica enquanto fundamento da investigação em Ciências da Educação. E, uma vez mais, Delfim Santos (na obra *Da Filosofia*) se posiciona como um arauto de um tempo novo. Cito-o a título de exemplo: “Se a análise fenomenológica nos

mostra a realidade como pluralidade de diversos, não será justificável qualquer visão monolítica”.

E, aduzo eu: nem visão monolítica de métodos, nem de conceitos.

Desta dificuldade e da necessidade da sua superação também Delfim Santos nos dá conta na *Pedagogia como Ciência Autônoma*:

A pedagogia (refere-se à pedagogia dos anos quarenta) é uma manta de retalhos e o pedagogo que queira seguir com cuidado e estar actualizado em tal domínio do saber, terá a cada momento de incorporar novos e díspares tipos de pensamento baseados em diferentíssimas ciências, que o afastam do tema central que deveria preocupar os seus interesses predominantes: o processo de aprendizagem.

Ou, utilizando a linguagem de Delfim Santos, a Pedagogia não pode, nem deve, ser constituída por um somatório de monismos. Problema que, epistemológica e cientificamente, não podia ser resolvido no âmbito da Pedagogia *strictus sensus*, mas que teve outras possibilidades de desenvolvimento com a constituição das modernas Ciências da Educação — tanto em termos teóricos, como na prática investigacional — Ciências de que Delfim Santos foi um dos precursores. O que, em minha opinião, já seria razão bastante para o seu nome e a sua obra, no campo da Educação, serem recordados no ano do centenário do seu nascimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Alberto *et al.* (1966). Homenagem a Delfim Santos — Depoimentos. *O tempo e o modo — revista de pensamento e acção*, 43/44 (Nov. /Dez.), pp. 1080-1101.

GANHO, Maria de Lourdes Sirgado (1990). O pensamento de Delfim Santos. Separata de *Itinerarium — Revista quadrimestral de cultura*. Braga: Franciscanos de Portugal.

MARQUES, Maria de Lurdes (2007). *O pensamento filosófico de Delfim Santos*. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

PSAZKIEWICZ, Cristiana A. Soveral (2000). *A Filosofia Pedagógica de Delfim Santos*. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

SANTOS, Delfim (s/d). *Da filosofia*. Lisboa: Livros Horizonte.

SANTOS, Delfim (1946). *Fundamentação existencial da pedagogia*. Lisboa: Edição de autor.

SANTOS, Delfim (1949). *A criação e a escola*. Lisboa: Editorial Império.

SANTOS, Delfim (1971). *Obras completas I — Da Filosofia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTOS, Delfim (1973). *Obras completas II — Da filosofia, do homem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTOS, Delfim (1987). *Obras completas III — Do homem, da cultura*. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SUCHODOLSKI, Bogdan (1984). *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: pedagogia da essência e a pedagogia da existência*. Lisboa: Livros Horizonte.

Academia das Ciências de Lisboa, Novembro de 2007, em sessão de homenagem a Delfim Santos, no ano em que se comemorou o centenário do seu nascimento.

ALBANO ESTRELA

Estrela, Albano (2008). Delfim Santos. Um Inovador e um Precursor no Campo da Educação. Texto da conferência proferida na Academia das Ciências de Lisboa, em Novembro de 2007. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 06, pp. 101-104.

Consultado em [mês, ano] em <http://sisifo.fpce.ul.pt>